ENCONTRO MUNDIAL DE MOVIMENTOS POPULARES

Roma,Vaticano 27-29/X/14

DOCUMENTOS SÍNTESES

EM PORTUGUÊS

Sumário

I- Desigualdade e exclusão social na perspectiva camponesa 4

II- O Mundo está em crise 9

III- Mensagens lidas ao Papa 11

IV- Discurso do Santo Padre Francisco aos participantes do Encontro Mundial de Movimentos Populares 14

V- Impressões de uma jornada histórica 20

VI - Compromissos que assumimos coletivamente 22

VII- Mensagem dos Movimentos Populares 25

VIII – Declaração final do Encontro Mundial dos Movimentos Populares (EMMP) 28

IX – Moções aprovadas no EMMP 31

X – Movimentos Populares Presentes 33

I- Desigualdade e exclusão social na perspectiva camponesa

Por Luz Francisca Rodriguez, de CONAMURI, Chile y Via Campesina Internacional

Saudamos e celebramos esta oportunidade de diálogo pela inclusão social entre os movimentos populares e o Pontifício Conselho de Justiça e Paz, o Papa Francisco e os Bispos aqui presentes. Esperamos contribuir e cooperar para tornar realidade os princípios de dignidade da pessoa humana, do bem comum e da solidariedade em todo lugar e em qualquer momento.

As camponesas e os camponeses do mundo somos povos, comunidades, organizações e famílias muito diversas. Representamos a distintas culturas, visões de mundo, formas de trabalho, visões e convicções políticas e religiosas, porém nos unem nossos sonhos e nossas lutas para seguirmos sendo mulheres e homens do campo e por seguirmos existindo como povos originários, agricultores, criadores, re-coletores, pastores e pescadores.

Nos orgulhamos de ser o que somos, não queremos migrar forçadamente para as cidades ou para o estrangeiro. Queremos seguir cumprindo nosso papel fundamental: alimentar a humanidade com nosso trabalho, nossos saberes e nossos bens naturais, assegurando que o direito a alimentação se cumpra para todos e todas sem exceção, e que a Mãe Terra seja cuidada enquanto dela obtemos nosso sustento.

Neste caminhar, reconhecemos a influencia da Igreja Católica e os esforços de setores importantes dela, por acompanhar os setores populares.

Somos a imensa maioria os que vivemos e trabalhamos no campo e quase a metade de toda a humanidade, porém temos acesso a menos de ¼ de toda terra, após séculos de desapropriações e despejos crescentes e violentos. Com a pouca terra que ainda conseguimos ter, produzimos a maior parte dos alimentos do mundo.

Porém, a concentração da terra em mãos dos capitais e da especulação continua aumentando sua violência na medida em que resistimos.

Estes despejos, as "grilagens" e a concentração da terra e dos territórios, da água, dos recursos naturais e até do ar, têm sido as consequências do avanço desenfreado do capital sobre o campo e sobre os trabalhadores rurais. Os Estados e os Organismos Internacionais, inclusive as próprias Igrejas, tem cedido às pressões e aceitado que lhes retirem seus poderes, deveres e funções de proteger e defender o bem comum.

Estamos assim presos a um mundo dominado pelo capital e pela logica do mercado. A expansão do agronegócio e dos monocultivos, o uso cada vez maior dos agrotóxicos, a exploração do trabalho, a eliminação alarmante de postos de trabalho, a concentração cada vez maior dos mercados e o sequestro da ciência e da tecnologia para colocá-la a serviço do capital, são processos que são impulsionados pelas esferas do poder como uma realidade inquestionável.

As consequências são claras. À contaminação e à deterioração de nosso entorno, se somam o aumento da desigualdade e ao número de pessoas famintas, obesas e doentes. O agronegócio não tem o objetivo de alimentar-nos, mas sim de aumentar seus lucros. As doenças são parte importante de seu negócio: as mesmas transnacionais que nos adoecem são as que nos vendes remédios que não nos curam, porém nos mantém funcionando.

Os problemas que sofremos no campo tem um impacto forte nas cidades. A migração deteriora a vida de todos, além da perda dos valores e da cultura. O abandono de nossos sistemas alimentares vai nos adoecendo e tirando o sentido de comunidade. A insegurança do trabalho e de fontes de renda se juntam ao endividamento e ao consumismo, o que vai rompendo os laços de solidariedade e reciprocidade, arrancando nossa consciência social.

Aumenta a violência doméstica e institucional, vemos como as drogas vão tomando conta, enquanto as autoridades se negam a ver os verdadeiros traficantes e criminalizam a população. O respeito aos direitos sociais e econômicos tem-se transformado em assistencialismo, com políticas e programas

que somente buscam compensar alguns impactos, porém não nos permitem avançar em um caminho libertador.

Queremos enfatizar que não deixamos a terra de forma voluntária. A maioria de nós recorre a diversos trabalhos e geram múltiplas estratégias de sobrevivência para manter-nos na terra. Esta tenacidade é o que as autoridades chamam de "multifuncionalidade" ou nos chamam de trabalhadores "polivalentes", como se isto significasse um título importante ou algo que desejemos.

As verdadeiras causas que nos obrigam a emigrar e deixar a terra estão na falta de políticas agrarias adequadas e de programas que resolvam as necessidades da agricultura camponesa e de nossas práticas produtivas para a alimentação dos povos.

Tudo isto contrasta com o apoio amplo da maioria dos governos e dos organismos internacionais ao grande capital, permitindo o estrangulamento econômico, o isolamento e o abuso cada vez maior parte das grandes empresas que retiram cada vez mais os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras e conformam novos formatos de trabalho escravo.

A isto se somam as dificuldades cada vez maiores que nos são impostas para a comercialização de nossa produção de maneira justa, o não reconhecimento de nossos direitos sobre a terra, a água, os bosques, a desvalorização de nossos conhecimentos e culturas e de nossa própria identidade.

É extremamente grave o ataque que hoje sofrem nossas sementes. Já fazem mais de 12 anos que iniciamos uma campanha mundial em sua defesa, por defender nossas práticas milenárias e cuidá-las, melhorá-las, cultivá-las e intercambiá-las. São práticas que com o passar dos séculos vão se constituindo em direitos fundamentais e sagrados dos povos indígenas e para os homens e mulheres do campo.

Este ataque, dirigido pelas maiores transnacionais do mundo, encabeçadas por Monsanto, é apoiado ou afiançado pela maioria dos governos e organismos internacionais que sucumbem diante das pressões e ameaças.

Estamos em um momento crítico, em que necessitamos juntar forças com os mais amplos setores para que nossa resistência evite que as leis convertam em crime nossas praticas de cuidado e intercambio que tornaram possível a criação e expansão da agricultura.

A ciência ao serviço do capital não somente colocam em perigo nossas sementes e cultivos, também a vida da Mãe Terra. A engenharia genética em suas muitas formas e os organismos transgênicos são um ataque à sacralidade da vida por parte de empresas que julgam serem deuses com o único fim de maximizar seus lucros e dominar o mundo.

Sob falsas promessas de maior produtividade, ainda que as provas indiquem o contrário, as empresas com a ajuda de muitos governos estão impondo aos organismos e cultivos transgênicos, que contaminam nossos solos, nossos cultivos, nossos alimentos e nossos corpos.

Enquanto resistimos, conservando e cuidando nossas próprias sementes, as transnacionais dos agronegócios pressionam aos governos do mundo para que aceitem as sementes *Terminator*, sementes desnaturalizadas que não podem viver sem receber substancias químicas, que serão vendidas por estas mesmas empresas.

Também há cumplicidade entre as empresas e muitos governos quando buscam impor como solução a tão mal falada agricultura climaticamente inteligente, que aprofunda a destruição ambiental, aumenta a concentração e o controle das transnacionais, e agrava os ataques de nossa autonomia e todos os processos que nos expulsam da terra.

A ciência tem sido censurada para que não faça investigações sérias para sabermos a verdade que os efeitos dos transgênicos a curto e a longo prazo. Assim, os cientistas honestos não podem falar para não alarmar do que realmente está ocorrendo.

Olhando desta forma nos atrevemos a afirmar que estamos frente a um processo de destruição massiva das distintas formas de vida – incluindo a nossa – onde não se permite que a ciência faça seu trabalho de ir descobrindo o que ocorre e alertando a respeito.

As comunidades e as famílias rurais que tem a desgraça de ficar encurralados por cultivos transgênicos sofrem graves danos à sua saúde com taxas alarmantes de câncer, abortos espontâneos, nascimentos de crianças com deformações congênitas condenadas a morrer.

As intoxicações massivas levam à perda de vidas e não somente a vida humana. Também nossos animais são afetados, as aves adoecem e morrem pelos agrotóxicos, a terra e as fontes de água secam ou são contaminadas. O certo é que, sobretudo os cultivos transgênicos produzem fome e pobreza, já que nos expulsam e sua primeira finalidade é produzir matéria-prima industrial, e não alimentar as pessoas.

Nossas terras e territórios, assim como nossos bosques e nossas águas estão sendo arrasadas igualmente pela mineração e os mega projetos.

Em muitos países sofremos as consequências das guerras declaradas e não declaradas pelas forças armadas regulares, os paramilitares e os narcotraficantes, cujo fim é oprimir-nos, manter a indústria bélica e outros negócios dos grandes capitais. Para isto, criminalizam nossas lutas e a cada dia sofremos a morte, as prisões, e julgamentos contra nossas dirigentes lideres e militantes.

As situações são graves, alarmantes e indignantes, como por exemplo, no Afeganistão, Africa Ocidental, Colômbia, Guatemala, Honduras, Kurdistão, Paraguai, México, Palestina, Síria, Sudão, somente para nomear alguns dos casos mais dramáticos e sérios.

Apesar de tudo que sinalizamos, seguimos resistindo agarrados fortemente a terra, para mantermo-nos no campo e defender sua função social, que é "**Alimentar aos povos".**

Estamos aqui amigos, amigas, companheiras e companheiros, para entendermos que esta é uma luta difícil e de longo prazo. Somos homens e mulheres organizados. Somos parte da Via Campesina, um movimento amplo, com presença mundial, no qual defendemos o direito e o sonho de seguir sendo camponeses e povos do campo, onde lutamos para o bem viver de todos e todas. Somos um movimento que tem conseguido elaborar propostas de vida, trabalho e convivência digna entre todos e todas.

Quando os governos disseram que para garantir a segurança alimentar a base seria gerar capacidade para adquiri-la, tivemos a convicção e a sabedoria de afirmar que a alimentação não poderia transformar-se em um negócio por ser um direito fundamental. Então proclamamos a Soberania Alimentar como um direito fundamental dos povos de definir, desenvolver e manter a agricultura camponesa e seus sistemas de alimentação.

A força e a justeza de nossa reivindicação se radica em que junto a um grande número de outros movimentos e redes sociais, fomos enchendo-lhes conteúdo até concluir que a Soberania Alimentar é um princípio de vida que se sustenta, se defende e não se negocia.

A Soberania Alimentar compreende nosso direito a terra e aos territórios, a água, a nossas sementes, a nosso gado e animais, aos bens naturais, a nossas formas culturais de produzi-los e cuidá-los.

A soberania alimentar dá prioridade às economias e aos mercados locais e nacionais para assegurar que nosso trabalho seja compensado de forma justa e nos permita viver dignamente.

A soberania alimentar exige novas relações sociais livres da opressão e desigualdades, e a liberdade para exercer nosso trabalho, para viver dignamente e permitir a vida digna a toda a humanidade.

Lutamos para deixar para trás todos os preconceitos discriminatórios e sexistas, para avançar rumo a uma nova visão de mundo, construída sobre os princípios de respeito, de igualdade, de justiça, de solidariedade, de paz e de liberdade. Assumimos que a luta para erradicar a violência no campo, e particularmente a violência que sofrem as mulheres, e a igualdade entres os sexos é primordial. Já não queremos suportar a opressão das sociedades tradicionais, nem das sociedades modernas, que sustentam os sistemas patriarcais.

Esperamos deste encontro ferramentas importantes para avançar em nossas lutas e na solidariedade entre todas as lutas populares: queremos que este diálogo permita sensibilizar aos membros dos movimentos populares e da Igreja Católica frente aos problemas específicos que enfrentamos.

Buscamos isto convencidas e convencidos de que a permanência da agricultura camponesa e dos povos indígenas, junto às outras formas populares de pesca, coleta, criação de animais e caça, são as únicas garantias reais de acabar com a fome, a má alimentação e a destruição ambiental tanto no campo como na cidade.

O ano que está terminando foi declarado pelas Nações Unidas como o Ano Internacional da Agricultura Familiar. As organizações do campo defendem que se coloque nome e sobrenome a esta definição, portanto declaramos o **Ano Internacional de Agricultura Familiar, Camponesa e indígena**.

Assinalamos também que frente à situação em que se desenvolve nossa agricultura, não basta um ano, pois não somente vivemos e nos desenvolvemos elogios, reconhecimentos vazios ou de boas intenções. O que queremos são políticas baseadas no bem comum e no bem viver das pessoas.

Requeremos povos soberanos para garantir Soberania Alimentar para a humanidade. A alimentação não pode nem deve ser um negócio; é um direito humano que os Estados devem garantir e portanto devem proteger suas agricultura e a quem continuamos neste sagrado oficio de produzir os alimentos para os povos. Portanto, aqui se requer mais de um ano para que as águas retomem seu curso natural.

Por isto conclamamos: Soberania Alimentar já!

Não podemos continuar aceitando os milhões de famintos, nem um milhão, nem cem mil, nem um faminto mais no mundo, como se isto fosse uma causa natural. Os povos com fome e que não produzem seu próprio alimento são povos dependentes para a sobrevivência, que não podem pensar livremente, não podem ser independentes, não podem resistir nem projetar-se ao futuro, não podem ser livres nem soberanos.

Parece-nos importante um pronunciamento da Igreja e dos movimentos populares que coloquem a defesa da alimentação e da agricultura camponesa e indígena no centro de suas lutas sociais.

Não podemos subordinar o bem estar de todas e todos os trabalhadores às pretensões de acumulação do capital.

Queremos explicar a todas e a todos o porquê de nossas utas específicas:

Lutamos por uma reforma agrária integral e popular, porque sem terra e sem territórios não somos povos, não somos livres nem somos dignos e esta não é somente uma luta das camponesas e dos camponeses.

Lutamos pelo fim do agronegócio. Acreditamos que a sociedade deve limitar as pretensões de lucro quando isto impede que a dignidade humana, o bem viver e o cuidado com a natureza, coloquem em perigo o futuro de todas e todos.

Por estas mesmas razões, lutamos pelo fim dos tratados de livre comércio e da agricultura.

Lutamos para recuperar e fortalecer nossas formas de fazer agricultura camponesa e indígena de base agroecológica. Somente assim podemos assegurar a alimentação para cada pessoa enquanto simultaneamente cuidamos da Mãe Terra e revertemos as causas do aquecimento global.

Lutamos pelo fim dos cultivos transgênicos em todas suas formas, porque não auxiliam ao bem estar de ninguém, porque com os nossos saberes temos alternativas muito superiores.

Lutamos porque a dignidade, a justiça, a paz, a liberdade, o bem estar, o respeito, o apreço seja para todas e todos.

Lutamos pela igualdade entre os sexos, que inclui a valorização do papel das mulheres na agricultura e na alimentação, e na sustentação econômica das famílias e na construção cultural e espiritual.

Lutamos pelo fim da violência doméstica e institucional e pelo direito a autodeterminação.

Porque não há vida se não há futuro, lutamos para que haja condições para que nossos filhos e filhas, nossos netos e netas, seus netos e suas netas, tenham a possibilidade real de permanecer no campo e saber que terão uma vida digna para os mesmos e para as gerações futuras.

Oferecemos a reciprocidade de nosso esforço e compromisso para compreender profundamente os problemas específicos do conjunto dos movimentos sociais, de suas resistências, e unir-nos para impulsionar nossas lutas comuns.

Do mesmo modo, nos esforçaremos para compreender as particularidades e as preocupações e os compromissos da Igreja Católica.

Nos comprometemos a participar nestes dias e no futuro na busca de tarefas e esforços comuns, vivenciando nossa solidariedade de maneira mais cotidiana e juntar forças na busca da dignidade, da justiça, da paz e do bem viver.

GLOBALIZEMOS A LUTA!
GLOBALIZEMOS A ESPERANÇA!

II- O Mundo está em crise

Síntese do Primeiro dia de Debate, por João Pedro Stédile, MST, Brasil

Roma, 27 de Octubre de 2014.

Inspirados nas contribuições do lutador italiano Antonio Gramsci, partimos do *pessimismo na análise ao otimismo na ação*, com o os seguintes pontos:

1. Há uma ofensiva do capital nacional e internacional, que se apropria de forma privada dos recursos naturais (biodiversidade, terra, água, oxigênio, etc.). Expropriando principalmente a mineração, as usinas hidrelétricas e nucleares, que causam graves problemas, como a devastação dos biomas, as mudanças climáticas, despejos, além de afetar diretamente a soberania dos países e dos povos.
2. Há uma apropriação privada das sementes, que foram transformadas em mercadorias. Nos impuseram os transgênicos combinados com os agrotóxicos, que envenenam e matam nossos povos e a natureza.
3. Há uma crise climática que causa secas, inundações, furacões, incêndios, falta de água e uma infinidade de problemas que já alteram as condições de vida no nosso planeta, afetando, sobretudo os mais pobres, cerca de 3 milhões de pessoas em todo o mundo.
4. Há uma crise energética, na qual a atual matriz energética baseada nos combustíveis fósseis (petróleo, fracking, gás, carvão mineral e vegetal) está falida. Tudo vai se agudizar em trinta anos.
5. Há uma crise alimentar, na qual os alimentos, fonte de nossa vida e reprodução humana, foram mercantilizados, padronizados, dominados por somente 50 empresas transnacionais no mundo. A consequência é que existem nove milhões de famintos no planeta e a segurança alimentar de todos os povos do mundo está ameaçada.
6. Há uma precarização do trabalho, com ampliação do trabalho informal. Os trabalhadores têm cada vez mais produtividade e mais horas de trabalho, logo mais exploração e acumulação do capital. Entretanto os direitos são cada vez mais atacados! E na maioria dos países o desemprego aumenta a cada ano, sobretudo entre os jovens – em alguns países o desemprego atinge cerca de 50% da população juvenil -. A ganancia do capital domina sem limites!
7. Também aumentou a quantidade de trabalhadores em regime de escravidão, de prostituição forçada, de migração forçada, além de genocídios praticados por "máfias" do narcotráfico em vários países do mundo. Estes são crimes contra a humanidade.
8. Há uma crescente concentração da propriedade da terra, da riqueza, das cidades, dos meios de comunicação e da política, por uma minoria de capitalistas, que não passam de 1% da população mundial, de 737 corporações, 80% do setor financeiro e 147 empresas transnacionais, igual a 40% do total. Em geral, dominado pelo capital financeiro. A desigualdade é alarmante, 70% da população mundial têm somente 2,9% da riqueza.
9. O império estadunidense, com seus aliados no G8 e na OMC, controlam a economia mundial com o poder do dólar, com os acordos de livre comércio (TLC´s), com a maquinaria de guerra e o controle dos meios de comunicação impõe seus interesses sobre a humanidade.
10. As guerras em curso são estúpidas, inaceitáveis, acabam com milhões de vidas inocentes. Para atender aos seus interesses econômicos, energéticos, geopolíticos, os países imperialistas muitas vezes se utilizam de falsos motivos étnicos, religiosos ou de "combate ao terrorismo".

11. Os organismos internacionais não são democráticos, não tem representação popular, e não conseguem apresentar verdadeiras soluções aos problemas do povo.
12. Na maioria dos países não há processo democráticos, ainda que tenham eleições, o povo não tem o direito de participação popular efetiva no poder político.
13. As políticas públicas dos governos não dão prioridade às necessidades dos mais pobres, ou se restringem à políticas compensatórias que não conseguem resolver a raiz dos problemas.
14. As grandes cidades se transformaram em verdadeiros infernos, a especulação imobiliária e o controle dos espaços urbanos, guiados pelo lucro, levam ao aumento de favelas e à falta de cidadania para a maioria da população. O transporte individual segue sendo a prioridade frente ao transporte público, através do incentivo aos automóveis individuais, que somente interessam às empresas transnacionais automobilísticas.
15. Há uma violência institucionalizada praticada contra os pobres, seus líderes e os Movimentos Sociais. Esta violência é realizada por grupos paramilitares, narcotraficantes e policiais corruptos.
16. Na maioria dos países não há um poder judiciário republicano. Este atua como instrumento de defesa dos interesses do capital, legalizando a violência e a perseguição aos trabalhadores.
17. Ampliou-se a discriminação contra as mulheres, os jovens, os afrodescendentes, multiplicando-se especialmente a discriminação religiosa, étnica e de orientação sexual.
18. O capital tem o controle e o monopólio dos meios de comunicação, e o utiliza para obter lucros e controle ideológico das mentes da população.
19. A Academia e a Ciência têm sido manipuladas e utilizadas somente para aumentar a produtividade e os lucros do capital, e não estão a serviço das necessidades dos povos.
20. Ampliou-se uma cultura mercantilizada, da defesa dos falsos valores do consumismo, do egoísmo e do individualismo. Por outro lado, há uma crise de projeto, por parte da classe trabalhadora.
21. As organizações populares, infelizmente, ainda estão frágeis, com muitas dificuldades em suas ações, pois estamos em um período histórico de refluxo do movimento de massas. As lutas sociais ainda estão na fase de "protestos" e não na construção de um projeto de sociedade que envolva os trabalhadores e que tenha como base a solidariedade, a igualdade e especialmente a justiça, pois esta está na base da estabilidade, sem Justiça não haverá Futuro.

III- Mensagens lidas ao Papa

Mensagens lidas ao Papa

1 – Pelas Organizações Camponesas

Somos os filhos e as filhas da terra, somos de cores e cheiros da nossa mãe terra.

Somos homens e mulheres que trabalhamos na terra, vivemos de nosso trabalho, somos responsáveis por 70% dos alimentos do planeta com somente 24% da terra. Cuidamos da biodiversidade como nos ensinaram os sábios e sábios de nossos povos e assim ensinamos nossos filhos e filhas.

Em nossas organizações trabalhamos para que se reconheça às mulheres e jovens nas suas muitas contribuições que para a agricultura e a alimentação, que é uma cultura humana global.

Além disso, lutamos contra as ameaças do poder econômico transnacional, que pretende usurpar nossos territórios de vida coletiva, que nos mata, nos persegue com suas leis ditatoriais privatizadoras, nos desaloja, criminaliza, para impor seus monocultivos transgênicos e mega minerações, contamina as águas e os rios, usando também suas forças midiáticas, militar e paramilitar violando os direitos humanos em nossos territórios negros, originários, camponeses e urbanos.

Que a energia de nossos ancestrais, de líderes espirituais, sigam nos acompanhando em nossa decidida ação de luta contra o latifúndio, para desconcentrar a terra e redistribuí-la, para produzir mais alimentos saudáveis e diversos para os povos e alcançarmos, uma tarefa pendente da humanidade, que é a Reforma Agrária Integral e Popular.

É necessário democratizar a terra com Reforma Agrária Popular, para que esta cumpra a função social que garantirá atualmente segurança e soberania alimentar e laboral às futuras gerações. O acesso a terra e ao conjunto de bens que fazem parte da identidade dos sujeitos sociais, econômicos e políticos, é parte do reconhecimento que deve existir com os povos do campo pelo seu trabalho insubstituível. Tal reconhecimento deve ser baseado no respeito às formas de vida dos povos, acabando com todas as regras discriminatórias, racistas e excludentes que hoje impõe o neoliberalismo.

Reconhecemo-nos junto a Igreja Católica na diferença de razão social, em formas de funcionamento orgânico.

Seguiremos transformando e construindo com poder popular, por terra, por mulheres e homens livres!

2 – Sobre o Meio Ambiente

Somos povos, comunidades e organizações altamente diversas. Representamos diferentes culturas, visões de mundo, formas de trabalho, visões e convicções políticas e religiosas, mas nossos sonhos nos unem e nossas lutas para seguirmos sendo mulheres e homens solidários, para continuarmos a existir como povos originários, camponeses, afrodescendentes, criadores, coletores, pastores, pescadores, como habitantes e produtores do campo e da cidade. Queremos continuar alimentando a humanidade e sustentar com nossas economias solidárias a vida de todos e que a Mãe Terra seja cuidada enquanto obtemos dela nosso sustento.

Hoje o planeta é destruído por uma ínfima minoria que, com um modelo de produção e consumo que prioriza o lucro antes que a vida está devastando o planeta e as formas de vida e cultura que o sustentam. As mudanças climáticas que este modelo tem produzido, e essa minoria, estão ameaçando a existência da Terra e de todos os seres vivo, incluindo os seres humanos.

Diante destes processos de destruição do meio ambiente e da vida que hoje sofremos, apontamos como suas causas:

- O avanço dos monocultivos
- O uso cada vez maior de agrotóxicos
- A contaminação, o esgotamento e a privatização da água e dos bens naturais.

- O patenteamento da vida e dos cultivos transgênicos
- As derrubadas de bosques, os processos de desmatamento para instalar monocultivos, projetos de desenvolvimento imobiliário e outros megaprojetos
- A expansão de formas de produção industrial que maximizam o lucro e provocam as mudanças climáticas
- A expansão da mineração sobre nossos territórios, nossas fontes de água e de biodiversidade, tão necessárias para nossas vidas,

Esperamos da Igreja uma clara defesa da vida em seu conjunto e das bases de toda a existência, que deveria incluir:

- A defesa da permanência dos povos do campo em seus territórios e da agricultura camponesa e outras formas de produção dos povos que são base de nossa alimentação
- Um chamado para determos os graves impactos sociais e ambientais da mineração, o desmatamento e outras indústrias contaminantes, e advogarmos pelo controle delas.
- Um repúdio claro aos organismos e cultivos transgênicos e seus efeitos. Preocupa-nos profundamente o que tem sido até agora a posição da Igreja. Esperamos que a Igreja compreenda que os transgênicos são um perigo grave e que suas promessas de maior produtividade e de terminar com a fome não tem base econômica, científica, tampouco biológica.
- Realizar um pronunciamento contra o patenteamento e manipulação de todos os seres vivos.
- Repudiar as falsas "soluções" diante das Mudanças Climáticas, assim como à energia nuclear, as mega barragens, a geoengenharia e aos mercados de Carbono. Preocupa-nos, além do mais, o que escutamos de um membro da Pontifícia Academia de Ciências do Vaticano, quem sugeriu que o aquecimento global é responsabilidade dos mais pobres do planeta.

3 – Sobre a Paz

"... e converterão suas espadas em arados, e suas lanças em foices; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra." *Miqueias 4:3-5*

O novo milênio transcorre de forma dramática, em uma situação que afeta todos os seres humanos. Estamos diante de problemas planetários - a sobrevivência da humanidade e a sustentabilidade do ambiente natural dependem da atenção a esses problemas – e de um totalitarismo cego, ébrio com a maximização dos lucros, que repousa sobre os pilares do fundamentalismo de mercado, em que não há lugar para todos.

Não há lugar para a pluralidade, para a convivência e a diversidade de soluções. Uma solução homogênea é implantada em todo o mundo: o império do mercado. Os gritos das vítimas, das mulheres e das crianças questionam a legitimidade de um sistema idólatra em que em seu altar é sacrificada a natureza, o património cultural e um grande contingente de seres humanos.

Não resta outra opção ao poder e à lógica do mercado, para continuar saciando seu desejo e mantendo sua legitimidade deteriorada, que recorrer ao império da força e das armas, sob os argumentos da luta contra o narcotráfico e o terrorismo, dois grandes males do nosso tempo que geram a este mesmo sistema e, em seguida, cinicamente pretende erradicar a base de bombas. Ainda pior, pretende-se justificar as guerras em um suposto "choque de civilizações"... não é mais do que um choque de interesses económicos porque os povos sabem viver em paz.

Em nome da paz, da segurança e da democracia há mais guerras e violência. Se vendem armas para limpar os balanços das suas economias predatórias. A discriminação, o racismo, o desprezo pelas mulheres e a aniquilação sistemática dos povos pelo estrangulamento econômico e políticas de exclusão, sob a justificativa de que eles são civilizações inferiores, tudo isso têm nossa negação.

As máfias do narcotráfico e o tráfico de pessoas também ameaçam especialmente contra nós, movimentos e setores populares, que muitas vezes são a última barreira contra o avanço da violência entre os mais pobres.

As guerras ilegítimas, injustificáveis e cruéis contra os povos, para o controle de territórios, o acesso aos recursos naturais e ao petróleo, de parte das potências, com pretensões imperiais, e seus aliados é uma das mais recentes evidências terríveis.

À utilização criminosa de armas e a força que viola o direito internacional se soma a manipulação da mídia, em uma guerra total e genocida sobre nossas vidas, nossas culturas e espiritualidades.

Militarizam as nossas sociedades, nossos movimentos são criminalizados, deslocam as pessoas de suas comunidades, promovem golpes de estado, conflitos étnicos e religiosos ganham vida, nesta outra guerra suja do capital e das corporações para recolonizar a nossos povos, nossos territórios e os nossos corpos.

Isto, sem dúvida, merece a nossa condenação e nosso empenho de continuar a luta contra a barbárie, a soberania e a autodeterminação dos povos, pelos direitos ancestrais dos povos originários, pela paz com justiça social, pela solidariedade e pelos direitos da natureza. Reunamo-nos todos os homens e mulheres de boa vontade, em uma frente comum, para deter esta crescente corrida autodestrutiva na qual o império do mercado e da guerra nos colocou.

IV- Discurso do Santo Padre Francisco aos participantes do Encontro Mundial de Movimentos Populares

Aula Velha do Sínodo
28 de Outubro de 2014

Bom dia de novo. Eu estou contente por estar no meio de vocês. Aliás, vou lhes fazer uma confidência: é a primeira vez que eu desço aqui [na Aula Velha do Sínodo], nunca tinha vindo.
Como lhes dizia, tenho muita alegria e lhes dou calorosas boas-vindas. Obrigado por terem aceitado este convite para debater tantos graves problemas sociais que afligem o mundo hoje, vocês, que sofrem em carne própria a desigualdade e a exclusão. Obrigado ao cardeal Turkson pela sua acolhida. Obrigado, Eminência, pelo seu trabalho e pelas suas palavras.

Este encontro de Movimentos Populares é um sinal, é um grande sinal: vocês vieram colocar na presença de Deus, da Igreja, dos povos, uma realidade muitas vezes silenciada. Os pobres não só padecem a injustiça, mas também lutam contra ela!

Não se contentam com promessas ilusórias, desculpas ou pretextos. Também não estão esperando de braços cruzados a ajuda de ONGs, planos assistenciais ou soluções que nunca chegam ou, se chegam, chegam de maneira que vão em uma direção ou de anestesiar ou de domesticar. Isso é meio perigoso. Vocês sentem que os pobres já não esperam e querem ser protagonistas, se organizam, estudam, trabalham, reivindicam e, sobretudo, praticam essa solidariedade tão especial que existe entre os que sofrem, entre os pobres, e que a nossa civilização parece ter esquecido ou, ao menos, tem muita vontade de esquecer.

Solidariedade é uma palavra que nem sempre cai bem. Eu diria que, algumas vezes, a transformamos em um palavrão, não se pode dizer; mas é uma palavra muito mais do que alguns atos de generosidade esporádicos. É pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade de vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. Também é lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, de terra e de moradia, a negação dos direitos sociais e trabalhistas. É enfrentar os destrutivos efeitos do Império do dinheiro: os deslocamentos forçados, as migrações dolorosas, o tráfico de pessoas, a droga, a guerra, a violência e todas essas realidades que muitos de vocês sofrem e que todos somos chamados a transformar. A solidariedade, entendida em seu sentido mais profundo, é um modo de fazer história, e é isso que os movimentos populares fazem.

Este encontro nosso não responde a uma ideologia. Vocês não trabalham com ideias, trabalham com realidades como as que eu mencionei e muitas outras que me contaram... têm os pés no barro, e as mãos, na carne. Têm cheiro de bairro, de povo, de luta! Queremos que se ouça a sua voz, que, em geral, se escuta pouco. Talvez porque incomoda, talvez porque o seu grito incomoda, talvez porque se tem medo da mudança que vocês reivindicam, mas, sem a sua presença, sem ir realmente às periferias, as boas propostas e projetos que frequentemente ouvimos nas conferências internacionais ficam no reino da ideia, é meu projeto.

Não é possível abordar o escândalo da pobreza promovendo estratégias de contenção que unicamente tranquilizem e convertam os pobres em seres domesticados e inofensivos. Como é triste ver quando, por trás de supostas obras altruístas, se reduz o outro à passividade, se nega ele ou, pior, se escondem negócios e ambições pessoais: Jesus lhes chamaria de hipócritas. Como é lindo, ao contrário,

quando vemos em movimento os Povos, sobretudo os seus membros mais pobres e os jovens. Então, sim, se sente o vento da promessa que aviva a esperança de um mundo melhor. Que esse vento se transforme em vendaval de esperança. Esse é o meu desejo.

Este encontro nosso responde a um anseio muito concreto, algo que qualquer pai, qualquer mãe quer para os seus filhos; um anseio que deveria estar ao alcance de todos, mas que hoje vemos com tristeza cada vez mais longe da maioria: terra, teto e trabalho. É estranho, mas, se eu falo disso para alguns, significa que o papa é comunista.

Não se entende que o amor pelos pobres está no centro do Evangelho. Terra, teto e trabalho – isso pelo qual vocês lutam – são direitos sagrados. Reivindicar isso não é nada raro, é a doutrina social da Igreja. Vou me deter um pouco sobre cada um deles, porque vocês os escolheram como tema para este encontro.

Terra. No início da criação, Deus criou o homem, guardião da sua obra, encarregando-o de cultivá-la e protegê-la. Vejo que aqui há dezenas de camponeses e camponesas, e quero felicitá-los por cuidar da terra, por cultivá-la e por fazer isso em comunidade. Preocupa-me a erradicação de tantos irmãos camponeses que sobrem o desenraizamento, e não por guerras ou desastres naturais. A apropriação de terras, o desmatamento, a apropriação da água, os agrotóxicos inadequados são alguns dos males que arrancam o homem da sua terra natal. Essa dolorosa separação, que não é só física, mas também existencial e espiritual, porque há uma relação com a terra que está pondo a comunidade rural e seu modo de vida peculiar em notória decadência e até em risco de extinção.

A outra dimensão do processo já global é a fome. Quando a especulação financeira condiciona o preço dos alimentos, tratando-os como qualquer mercadoria, milhões de pessoas sofrem e morrem de fome. Por outro lado, descartam-se toneladas de alimentos. Isso é um verdadeiro escândalo. A fome é criminosa, a alimentação é um direito inalienável. Eu sei que alguns de vocês reivindicam uma reforma agrária para solucionar alguns desses problemas, e deixem-me dizer-lhes que, em certos países, e aqui cito o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, "a reforma agrária é, além de uma necessidade política, uma obrigação moral" (CDSI, 300).

Não sou só eu que digo isso. Está no Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Por favor, continuem com a luta pela dignidade da família rural, pela água, pela vida e para que todos possam se beneficiar dos frutos da terra.

Em segundo lugar, teto. Eu disse e repito: uma casa para cada família. Nunca se deve esquecer de que Jesus nasceu em um estábulo porque na hospedagem não havia lugar, que a sua família teve que abandonar o seu lar e fugir para o Egito, perseguida por Herodes. Hoje há tantas famílias sem moradia, ou porque nunca a tiveram, ou porque a perderam por diferentes motivos. Família e moradia andam de mãos dadas. Mas, além disso, um teto, para que seja um lar, tem uma dimensão comunitária: e é o bairro... e é precisamente no bairro onde se começa a construir essa grande família da humanidade, a partir do mais imediato, a partir da convivência com os vizinhos.

Hoje, vivemos em imensas cidades que se mostram modernas, orgulhosas e até vaidosas. Cidades que oferecem inúmeros prazeres e bem-estar para uma minoria feliz... mas se nega o teto a milhares de vizinhos e irmãos nossos, inclusive crianças, e eles são chamados, elegantemente, de "pessoas em situação de rua". É curioso como no mundo das injustiças abundam os eufemismos. Não se dizem as palavras com a contundência, e busca-se a realidade no eufemismo. Uma pessoa, uma pessoa segregada, uma pessoa apartada, uma pessoa que está sofrendo a miséria, a fome, é uma pessoa em situação de rua: palavra

elegante, não? Vocês, busquem sempre, talvez me equivoque em algum, mas, em geral, por trás de um eufemismo há um crime.

Vivemos em cidades que constroem torres, centros comerciais, fazem negócios imobiliários... mas abandonam uma parte de si nas margens, nas periferias. Como dói escutar que os assentamentos pobres são marginalizados ou, pior, quer-se erradicá-los! São cruéis as imagens dos despejos forçados, dos tratores derrubando casinhas, imagens tão parecidas às da guerra. E isso se vê hoje.

Vocês sabem que, nos bairros populares, onde muitos de vocês vivem, subsistem valores já esquecidos nos centros enriquecidos. Os assentamentos estão abençoados com uma rica cultura popular: ali, o espaço público não é um mero lugar de trânsito, mas uma extensão do próprio lar, um lugar para gerar vínculos com os vizinhos. Como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os diferentes e que fazem dessa integração um novo fator de desenvolvimento. Como são lindas as cidades que, ainda no seu desenho arquitetônico, estão cheias de espaços que conectam, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro.

Por isso, nem erradicação, nem marginalização: é preciso seguir na linha da integração urbana. Essa palavra deve substituir completamente a palavra erradicação, desde já, mas também esses projetos que pretendem envernizar os bairros populares, ajeitar as periferias e maquiar as feridas sociais, em vez de curá-las, promovendo uma integração autêntica e respeitosa. É uma espécie de direito arquitetura de maquiagem, não? E vai por esse lado. Sigamos trabalhando para que todas as famílias tenham uma moradia e para que todos os bairros tenham uma infraestrutura adequada (esgoto, luz, gás, asfalto e continuo: escolas, hospitais ou salas de primeiros socorros, clube de esportes e todas as coisas que criam vínculos e que unem, acesso à saúde – já disse – e à educação e à segurança.

Terceiro, trabalho. Não existe pior pobreza material – urge-me enfatizar isto –, não existe pior pobreza material do que a que não permite ganhar o pão e priva da dignidade do trabalho. O desemprego juvenil, a informalidade e a falta de direitos trabalhistas não são inevitáveis, são o resultado de uma prévia opção social, de um sistema econômico que coloca os lucros acima do homem, se o lucro é econômico, sobre a humanidade ou sobre o homem, são efeitos de uma cultura do descarte que considera o ser humano em si mesmo como um bem de consumo, que pode ser usado e depois jogado fora.

Hoje, ao fenômeno da exploração e da opressão, soma-se uma nova dimensão, um matiz gráfico e duro da injustiça social; os que não podem ser integrados, os excluídos são resíduos, "sobrantes". Essa é a cultura do descarte, e sobre isso gostaria de ampliar algo que não tenho por escrito, mas que lembrei agora. Isso acontece quando, no centro de um sistema econômico, está o deus dinheiro e não o homem, a pessoa humana. Sim, no centro de todo sistema social ou econômico, tem que estar a pessoa, imagem de Deus, criada para que fosse o denominador do universo. Quando a pessoa é deslocada e vem o deus dinheiro, acontecesse essa inversão de valores.

E, para explicitar, lembro um ensinamento de cerca do ano 1200. Um rabino judeu explicava aos seus fiéis a história da torre de Babel e, então, contava como, para construir essa torre de Babel, era preciso fazer muito esforço, era preciso fazer os tijolos; para fazer os tijolos, era preciso fazer o barro e trazer a palha, e amassar o barro com a palha; depois, cortá-lo em quadrados; depois, secá-lo; depois, cozinhá-lo; e, quando já estavam cozidos e frios, subi-los, para ir construindo a torre.

Se um tijolo caía – o tijolo era muito caro –, com todo esse trabalho, se um tijolo caía, era quase uma tragédia nacional. Aquele que o deixara cair era castigado ou suspenso, ou não sei o que lhe faziam.

E se um operário caía não acontecia nada. Isso é quando a pessoa está a serviço do deus dinheiro, e isso era contado por um rabino judeu no ano 1200, explicando essas coisas horríveis.

E, a respeito do descarte, também temos que estar um pouco atentos ao que acontece na nossa sociedade. Estou repetindo coisas que disse e que estão na *Evangelii gaudium*. Hoje em dia, descartam-se as crianças porque a taxa de natalidade em muitos países da terra diminuiu, ou se descartam as crianças porque não se ter alimentação, ou porque são mortas antes de nascerem, descarte de crianças.

Descartam-se os idosos, porque, bom, não servem, não produzem. Nem crianças nem idosos produzem. Então, sistemas mais ou menos sofisticados vão os abandonando lentamente. E agora como é necessário, nesta crise, recuperar um certo equilíbrio. Estamos assistindo a um terceiro descarte muito doloroso, o descarte dos jovens. Milhões de jovens. Eu não quero dizer o dado, porque não o sei exatamente, e a que eu li parece um pouco exagerado, mas milhões de jovens descartados do trabalho, desempregados.

Nos países da Europa – e estas são estatísticas muito claras –, aqui na Itália, passou um pouquinho dos 40% de jovens desempregados. Sabem o que significa 40% de jovens? Toda uma geração, anular toda uma geração para manter o equilíbrio. Em outro país da Europa, está passando os 50% e, nesse mesmo país dos 50%, no sul são 60%. São dados claros, ou seja, do descarte. Descarte de crianças, descarte de idosos, que não produzem, e temos que sacrificar uma geração de jovens, descarte de jovens, para poder manter e reequilibrar um sistema em cujo centro está o deus dinheiro, e não a pessoa humana.

Apesar disso, a essa cultura de descarte, a essa cultura dos sobrantes, muitos de vocês, trabalhadores excluídos, sobrantes para esse sistema, foram inventando o seu próprio trabalho com tudo aquilo que parecia não poder dar mais de si mesmo... mas vocês, com a sua artesanalidade que Deus lhes deu, com a sua busca, com a sua solidariedade, com o seu trabalho comunitário, com a sua economia popular, conseguiram e estão conseguindo... E, deixem-me dizer isto, isso, além de trabalho, é poesia. Obrigado.

Desde já, todo trabalhador, esteja ou não no sistema formal do trabalho assalariado, tem direito a uma remuneração digna, à segurança social e a uma cobertura de aposentadoria. Aqui há papeleiros, recicladores, vendedores ambulantes, costureiros, artesãos, pescadores, camponeses, construtores, mineiros, operários de empresas recuperadas, todos os tipos de cooperativados e trabalhadores de ofícios populares que estão excluídos dos direitos trabalhistas, aos quais é negada a possibilidade de se sindicalizar, que não têm uma renda adequada e estável. Hoje, quero unir a minha voz à sua e acompanhá-los na sua luta.

Neste encontro, também falaram da Paz e da Ecologia. É lógico: não pode haver terra, não pode haver teto, não pode haver trabalho se não temos paz e se destruímos o planeta. São temas tão importantes que os Povos e suas organizações de base não podem deixar de debater. Não podem deixar só nas mãos dos dirigentes políticos. Todos os povos da terra, todos os homens e mulheres de boa vontade têm que levantar a voz em defesa desses dois dons preciosos: a paz e a natureza. A irmã mãe Terra, como chamava São Francisco de Assis.

Há pouco tempo, eu disse, e repito, que estamos vivendo a terceira guerra mundial, mas em cotas. Há sistemas econômicos que, para sobreviver, devem fazer a guerra. Então, fabricam e vendem armas e, com isso, os balanços das economia que sacrificam o homem aos pés do ídolo do dinheiro, obviamente, ficam saneados. E não se pensa nas crianças famintas nos campos de refugiados, não se

pensa nos deslocamentos forçados, não se pensa nas moradias destruídas, não se pensa, desde já, em tantas vidas ceifadas. Quanto sofrimento, quanta destruição, quanta dor. Hoje, queridos irmãos e irmãs, se levanta em todas as partes da terra, em todos os povos, em cada coração e nos movimentos populares, o grito da paz: nunca mais a guerra!

Um sistema econômico centrado no deus dinheiro também precisa saquear a natureza, saquear a natureza, para sustentar o ritmo frenético de consumo que lhe é inerente. As mudanças climáticas, a perda da biodiversidade, o desmatamento já estão mostrando seus efeitos devastadores nos grandes cataclismos que vemos, e os que mais sofrem são vocês, os humildes, os que vivem perto das costas em moradias precárias, ou que são tão vulneráveis economicamente que, diante de um desastre natural, perdem tudo.

Irmãos e irmãs, a criação não é uma propriedade da qual podemos dispor ao nosso gosto; muito menos é uma propriedade só de alguns, de poucos: a criação é um dom, é um presente, um dom maravilhoso que Deus nos deu para que cuidemos dele e o utilizemos em benefício de todos, sempre com respeito e gratidão. Talvez vocês saibam que eu estou preparando uma encíclica sobre Ecologia: tenham a certeza de que as suas preocupações estarão presentes nela. Agradeço-lhes, aproveito para lhes agradecer, pela carta que os integrantes da Via Campesina, da Federação dos Papeleiros e tantos outros irmãos me fizeram chegar sobre o assunto.

Falamos da terra, de trabalho, de teto... falamos de trabalhar pela paz e cuidar da natureza... Mas por que, em vez disso, nos acostumamos a ver como se destrói o trabalho digno, se despejam tantas famílias, se expulsam os camponeses, se faz a guerra e se abusa da natureza? Porque, nesse sistema, tirou-se o homem, a pessoa humana, do centro, e substituiu-se por outra coisa. Porque se presta um culto idólatra ao dinheiro. Porque se globalizou a indiferença! Se globalizou a indiferença. O que me importa o que acontece com os outros, desde que eu defenda o que é meu? Porque o mundo se esqueceu de Deus, que é Pai; tornou-se um órfão, porque deixou Deus de lado.

Alguns de vocês expressaram: esse sistema não se aguenta mais. Temos que mudá-lo, temos que voltar a levar a dignidade humana para o centro, e que, sobre esse pilar, se construam as estruturas sociais alternativas de que precisamos. É preciso fazer isso com coragem, mas também com inteligência. Com tenacidade, mas sem fanatismo. Com paixão, mas sem violência. E entre todos, enfrentando os conflitos sem ficar presos neles, buscando sempre resolver as tensões para alcançar um plano superior de unidade, de paz e de justiça.

Os cristãos têm algo muito lindo, um guia de ação, um programa, poderíamos dizer revolucionário. Recomendo-lhes vivamente que o leiam, que leiam as Bem-aventuranças que estão no capítulo 5 de São Mateus e 6 de São Lucas (cfr. Mt 5, 3; e Lc 6, 20) e que leiam a passagem de Mateus 25. Eu disse isso aos jovens no Rio de Janeiro. Com essas duas coisas, vocês têm o programa de ação.

Sei que entre vocês há pessoas de distintas religiões, ofícios, ideias, culturas, países, continentes. Hoje, estão praticando aqui a cultura do encontro, tão diferente da xenofobia, da discriminação e da intolerância que vemos tantas vezes. Entre os excluídos, dá-se esse encontro de culturas em que o conjunto não anula a particularidade, o conjunto não anula a particularidade. Por isso eu gosto da imagem do poliedro, uma figura geométrica com muitas caras distintas. O poliedro reflete a confluência de todas as particularidades que, nele, conservam a originalidade. Nada se dissolve, nada se destrói, nada se domina, tudo se integra, tudo se integra. Hoje, vocês também estão buscando essa síntese entre o local e o global. Sei que trabalham dia após dia no próximo, no concreto, no seu território, seu bairro, seu lugar

de trabalho: convido-os também a continuarem buscando essa perspectiva mais ampla, que nossos sonhos voem alto e abranjam tudo.

Assim, parece-me importante essa proposta que alguns me compartilharam de que esses movimentos, essas experiências de solidariedade que crescem a partir de baixo, a partir do subsolo do planeta, confluam, estejam mais coordenadas, vão se encontrando, como vocês fizeram nestes dias. Atenção, nunca é bom espartilhar o movimento em estruturas rígidas. Por isso, eu disse encontra-se. Também não é bom tentar absorvê-lo, dirigi-lo ou dominá-lo; movimentos livres têm a sua dinâmica própria, mas, sim, devemos tentar caminhar juntos. Estamos neste salão, que é o salão do Sínodo velho. Agora há um novo. E sínodo significa precisamente "caminhar juntos": que esse seja um símbolo do processo que vocês começaram e estão levando adiante.

Os movimentos populares expressam a necessidade urgente de revitalizar as nossas democracias, tantas vezes sequestradas por inúmeros fatores. É impossível imaginar um futuro para a sociedade sem a participação protagonista das grandes maiorias, e esse protagonismo excede os procedimentos lógicos da democracia formal. A perspectiva de um mundo da paz e da justiça duradouras nos exige superar o assistencialismo paternalista, nos exige criar novas formas de participação que inclua os movimentos populares e anime as estruturas de governo locais, nacionais e internacionais com essa torrente de energia moral que surge da incorporação dos excluídos na construção do destino comum. E isso com ânimo construtivo, sem ressentimento, com amor.

Eu os acompanho de coração nesse caminho. Digamos juntos com o coração: nenhuma família sem moradia, nenhum agricultor sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhuma pessoa sem a dignidade que o trabalho dá.

Queridos irmãos e irmãs: sigam com a sua luta, fazem bem a todos nós. É como uma bênção de humanidade. Deixo-lhes de recordação, de presente e com a minha bênção, alguns rosários que foram fabricados por artesãos, papeleiros e trabalhadores da economia popular da América Latina.

E nesse acompanhamento eu rezo por vocês, rezo com vocês e quero pedir ao nosso Pai Deus que os acompanhe e os abençoe, que os encha com o seu amor e os acompanhe no caminho, dando-lhes abundantemente essa força que nos mantém de pé: essa força é a esperança, a esperança que não desilude. Obrigado.

V- Impressões de uma jornada histórica

Por Ignacio Ramonet

A terça-feira, 28 de outubro, foi um dia histórico.

Primeiro, porque não é frequente que o Papa convoque, no Vaticano, um Encontro Mundial de Movimentos Populares do qual participam organizações de excluídos e de pessoas marginalizadas dos cinco continentes, e de todas as origens étnicas e religiosas: camponeses sem terra, trabalhadores informais urbanos, recicladores, carrinheiros, povos originários em luta, mulheres reclamando direitos, etc. Muitos dos dirigentes presentes estão ameaçados de morte por esquadrões da morte... Em suma, uma assembleia mundial dos povos da Terra. Mas dos povos em luta e que não se resignam.

Segundo, é menos frequente ainda que o Papa se dirija diretamente a eles, no Vaticano, dizendo-lhes que quer "escutar a voz dos povos" porque "os pobres não se contentam mais em sofrer as injustiças, mas que lutam contra elas" e que ele (o Papa) "quer acompanhá-los nessa luta". Francisco também disse que "os pobres já não esperam de braços cruzados por soluções que nunca chegam; agora os pobres querem ser protagonistas para encontrar, eles mesmos, uma solução para os seus problemas", pois "os pobres não são seres resignados, mas sabem protestar e se revoltar". Disse que espera que "o vento dos protestos se converta em vendaval de esperança".

O Papa também afirmou: "A solidariedade é uma forma de fazer história". E por isso se une ao pedido dos pobres que reclamam "terra, teto e trabalho". E acrescentou: "Quando peço terra, teto e trabalho para os necessitados alguns me acusam dizendo que 'o Papa é comunista'! Não entendem que a solidariedade com os pobres é a base mesma do Evangelho".

Francisco lembrou que "a reforma agrária é uma necessidade não apenas política, mas moral". E acusou (sem nomeá-lo) o neoliberalismo de ser a causa de muitos dos males atuais: "Tudo isto ocorre – afirmou – quando se tira o ser humano do centro do sistema e em seu lugar se coloca o dinheiro". "Por isso, é preciso levantar a voz", repetiu. E recordou que "os cristãos têm um programa que me atreveria a qualificar de revolucionário: as bem-aventuranças do Sermão da Montanha do Evangelho Segundo São Mateus".

Um discurso forte, corajoso, que se inscreve no fio direto da Doutrina Social da Igreja que o Papareivindicou explicitamente. E na opção preferencial pelos pobres. Fazia muito tempo que um Papa não pronunciava um discurso tão social, tão "progressista" sobre um tema, os pobres, que constitui uma das bases fundamentais da doutrina cristã.

Terceiro. Tudo isto foi tanto mais importante quanto que este discurso, o Papa o pronunciou na presença do presidente da Bolívia, Evo Morales, ícone dos movimentos sociais e líder dos povos originários. Logo depois, o presidente Morales, muito aplaudido, tomou a palavra diante do mesmo auditório de movimentos populares na luta para explicar, com muitos exemplos, que "o capitalismo, que tudo compra e tudo vende, criou uma civilização esbanjadora". Insistiu em que "é preciso refundar a democracia e a política, porque a democracia é o governo do povo e não o governo do capital e dos banqueiros". Também acentuou que "é preciso respeitar a Mãe Terra" e "mobilizar-se contra a privatização dos serviços públicos". Sugeriu a todos os movimentos populares reunidos por ocasião deste encontro para que criem "uma grande aliança dos excluídos" para defender os "direitos coletivos" que completem, segundo ele, os direitos humanos.

O sentimento geral dos participantes deste inédito encontro é que estas duas intervenções confirmam a enorme liderança política e moral, em escala internacional, do presidente Evo Morales, e o novo papel histórico do Papa Francisco, como porta-voz das lutas dos pobres da América Latina e de todos os excluídos do mundo.

VI - Compromissos que assumimos coletivamente

Encontro Mundial de Movimentos Populares, Roma, 29 de Outubro de 2014

TERRA: nenhum camponês sem terra, nenhum povo sem seu território

1. Todos os povos tem o direito da Soberania Popular sobre seu território e sobre todos os recursos naturais. Devemos lutar em sua defesa.
2. Lutar e organizar-se por uma Reforma Agrária Popular Integral, baseadas nos princípios da democratização do acesso à terra, à água, à soberania alimentar e à agroecologia, com controle das sementes.
3. Lutar por Soberania Alimentar e por Alimentos Sadios para todo o povo.
4. Lutar contra as sementes transgênicas e todo tipo de venenos agrícolas.
5. Lutar pela garantia do uso dos bens comuns da natureza, e pela sua função social em detrimento da propriedade privada.
6. Lutar pela implementação do direito de uso coletivo da terra e impedir que ela seja uma mercadoria, passível de compra e venda.
7. Lutar contra os projetos de mineração que afetam as populações e o meio ambiente.

LABOR Nenhum trabalhador sem direitos

1. Lutar para que todas as pessoas tenham direito a um trabalho digno com renda para uma vida digna
2. Ampliar e melhorar a organização de todos os trabalhadores que estão na economia informal, e que ainda estão dispersos e desorganizados
3. Lutas pelo direitos trabalhistas, previdenciários e de liberdade de organização sindical para todos os trabalhadores
4. Lutar contra toda a discriminação e preconceitos e de racismo, contra os trabalhadores pobres, as mulheres, os negros e as diferentes etnias
5. Apoiar as fabricas ocupadas e todas as formas de produção solidária e cooperativa que existem em nossos países.
6. Lutar para que todos tenham trabalho em seus locais de moradia, combatendo a migração
7. Criar Laços de Articulação e Solidariedade entre os trabalhadores para enfrentar as empresas transnacionais e lutarmos juntos contra elas.
8. Lutar contra toda forma de escravidão, trabalho precarizado e migração forçada entre países e regiões. Assim como garantir os direitos a moradia, território e trabalho para as populações afro-descendentes.
9. Denunciar os vínculos de interesses que há entre os governos, Estados, e as vezes até Sindicatos, pelas empresas transnacionais.
10. Denunciamos os Tratados de Livre Comércio e a Mercantilização dos serviços e de todos os bens necessários à sociedade, que os Governos e as transnacionais querem impor.

DOMUS: Vivienda

1. Moradia digna para todos em especial nas grandes cidades

2. Lutar pela urbanização das vilas, dos bairros, por serviços públicos de agua, luz, educação, transporte, saneamento básico, sem o deslocamento das pessoas que ai vivem.
3. Comprometemo-nos a impedir qualquer despejo de qualquer família pelo não pagamento do aluguel ou de hipoteca
4. Transformar nossos bairros em lugares comunitários de solidariedade e de bem viver
5. Impedir e Tomar iniciativas contra a especulação financeira dos bancos e a especulação imobiliária das empresas
6. Impulsionar processos de autogestão, cooperativas e formas coletivas de construção das moradias populares
7. Lutar pelo direito ao retorno aos seus territórios e às suas moradias de todas as populações que foram desalojadas (desde o exemplos da Palestina até os problemas que temos em diversas regiões de nossos países)
8. Defender as ocupações coletivas de edifício e terrenos, não ocupados, para resolver os problemas de moradia.

A Articulação de Movimentos Populares é um Processo

1. Este encontro foi uma experiência exitosa que evidencia mais uma vez a necessidade de nos mantermos organizados e articulados para avançar na unidade dos trabalhadores em todo o mundo.
2. Seguiremos reunindo os mais amplos e diferentes setores organizados em torno de lutas pela terra e soberania alimentar, pela moradia e direitos humanos nas cidades, pelos direitos de todos os trabalhadores e trabalhadoras, pelo fim das guerras genocidas e pelo direito à soberania dos povos, pelos direitos da natureza e do meio ambiente.
3. Criaremos uma plataforma de comunicação virtual entre os participantes do Encontro (líderes Movimentos Populares e religiosos presentes) para compartilhar documentos, notícias, lutas e ações nos países, criando mecanismos para ações de solidariedade internacional.
4. Nos organizaremos novamente, em cada um dos países, em nível local e nacional, com outros movimentos populares e convidados, discutindo os avanços e implicações deste encontro.
5. Seguiremos este processo de articulação para futuramente promovermos outros encontros internacionais mais amplos e representativos.

Relação entre movimentos sociais e da Igreja Católica

1. Queremos contribuir para a Igreja Católica para manter um ouvido no Evangelho e outro no povo, contribuindo para a sua doutrina social. Acompanhar a Igreja no tema pastoral e nas exortações para que isso chegue às Conferências Episcopais dos países.
2. Conclamamos a Igreja Católica, o Vaticano e as igrejas de todo o mundo para apoiar a Declaração Mundial dos Camponeses e Camponesas proposta na Organização das Nações Unidas (ONU).
3. Seguiremos em diálogo permanente com o Vaticano e o Papa Francisco. Para isto propomos uma **Mesa de Diálogo e Interlocução**. Esta mesa não pode ter caráter de poder, de estrutura ou de instância representativa. A proposta é que seja uma mesa de diálogo, de troca de idéias e propostas, que respeita a autonomia de cada um, dos Movimentos Sociais e da Igreja, sobre acordos e princípios.

4. Que na Mesa, sejam considerados, os diferentes setores de trabalhadores, camponeses e moradores de vilas e favelas, que seja considerada a participação de jovens, de mulheres, de afrodescendentes e indígenas.
5. Reconhecermos que somos diferentes e avançar e concretizar vontades e ações pela construção e busca da justiça, da dignidade, da igualdade, do respeito à soberania e autodeterminação, da paz e grupos de direitos humanos contra as diversas formas de dominação.
6. Nesta relação, devemos ser capazes de reflexão crítica sobre o papel e a responsabilidade histórica que temos para refletir e construir "confiança" entre nós.
7. Intervir de forma planificada, sobre um processo flexível, organizado, sistemático, adequado, pertinente, com diferentes mecanismos de participação, "desde baixo", para a discussão dessa interação em diferentes níveis.

Compromissos gerais

1. Construir escolas de formação política para elevar o nível de consciência de nossas bases
2. Criar Redes de Solidariedade por todos os meios, inclusive internet e se mobilizar sempre que haja casos de injustiças e perseguições nos mais diferentes países.
3. Denunciar permanentemente a criminalizarão que os governos, setores paramilitares e narcoterrorismo fazem das lutas, dos movimentos sociais e de seus lideres
4. Fazer um trabalho em conjunto com a Igreja, de todos os credos, aproveitando o espirito religioso do nosso povo para conscientizá-los da necessidade da organização popular.
5. Lutar e denunciar todas as violências praticadas contra os jovens pobres, em especial negros e de etnias minoritárias, sobretudo nas grandes cidades.
6. Devemos aproveitar os ensinamentos do Papa Francisco para divulgá-los e conscientizar nossas bases e todo o povo sobre as mudanças necessárias no mundo.
7. Impulsionar mudanças em nossos padrões de consumo e de vida, para enfrentarmos o modo capitalista de viver.

VII- Mensagem dos Movimentos Populares

Carta para nossas bases sociais, para ampla difusão em nossos veículos de informação

Vaticano, 29 de Outubro de 2014

Queridos companheiros e companheiras,

Nós, homens e mulheres de muitos lugares, de muitas origens, culturas e crenças, representantes dos movimentos sociais e populares dos diferentes continentes, chegamos com alegria, aceitando o convite do Papa Francisco para a realização do Encontro Mundial de Movimentos Populares no Vaticano, de 27 a 29 de Outubro de 2014.

Atendemos a esta convocatória já que a mesma acolhe preocupações que se situam na mesma direção de nosso caminhar para a transformação do mundo. Constitui um feito de enorme importância histórica. Pela Primeira vez, a voz dos pobres, dos excluídos socialmente, e dos que lutamos para acabar com essa pobreza e essa exclusão - produto de um sistema econômico cujo objetivo é o lucro, a acumulação de riqueza, e não do bem comum -, foram ampliadas como nunca antes havia ocorrido. Além disso, nos animou muito a presença do companheiro Evo Morales, pois junto aos Movimentos e ao Papa logramos um momento histórico na denúncia de desordem deste mundo e da afirmação do protagonismo dos pobres não resignados que lutam, protestam e estão comprometidos em continuar buscando mudanças profundas para o benefício de todos e todas.

Nós encontramos um grande espaço de intercâmbio e extensos diálogos sobre os problemas da terra, do trabalho, da moradia, do meio ambiente e da crise climática e das situações de violência e conflitos bélicos que têm colocado em risco toda a humanidade. Temos nos animado muito poder participar com nosso irmão Francisco, poder conhecer seu pensamento sobre estes temas e cumprimenta-lo pessoalmente.

Por isso transmitimos nossas reflexões denunciando as situações de injustiça, reafirmando ao mesmo tempo as razões de nossa esperança e nosso compromisso com as muitas formas de lutar para transformar a realidade em sua dimensão econômica, política e cultural.

Da mesma forma que Francisco faz suas as nossas preocupações, nós fazemos nossas as suas palavras porque expressam precisamente nossas aspirações e nossos esforços em sermos os atores desta transformação.

Durante nosso diálogo com o Papa Francisco ele expressou:

"Queremos que se ouça sua voz, que, em geral, se escuta pouco. Talvez porque seu grito incomoda, talvez porque se sente medo das mudanças que vocês reivindicam..."

"Não se pode abordar o escândalo da pobreza promovendo estratégias de contenção que unicamente tranquilizem e convertam os pobres em serem domesticados e inofensivos."

Terra

"Preocupa-me a erradicação de tantos irmãos camponeses que sofrem o Preocupa-me a erradicação de tantos irmãos camponeses que sobrem o desenraizamento, e não por guerras ou desastres naturais. A apropriação de terras, o desmatamento, a apropriação da água, os agrotóxicos inadequados são alguns dos males que arrancam o homem da sua terra natal. A outra dimensão do processo já global é a fome".

"A fome é criminosa, a alimentação é um direito inalienável..."

""a reforma agrária é, além de uma necessidade política, uma obrigação moral"

Casa

"Uma casa para cada família. Hoje tantas famílias vivem sem moradia, ou porque nunca tiveram uma ou porque a perderam por diferentes motivos..."

"Cidades que oferecem inúmeros prazeres e bem-estar para uma minoria feliz... mas se nega o teto a milhares de vizinhos e irmãos nossos, inclusive crianças, e eles são chamados, elegantemente, de 'pessoas em situação de rua'... Vocês busquem sempre, talvez me equivoque em algum, mas, em geral, por trás de um eufemismo há um crime..."

Trabalho

"Não existe pior pobreza material – urge-me enfatizar isto –, não existe pior pobreza material do que a que não permite ganhar o pão e priva da dignidade do trabalho. O desemprego juvenil, a informalidade e a falta de direitos trabalhistas não são inevitáveis, são o resultado de uma prévia opção social, de um sistema econômico que coloca os lucros acima do homem".

"Hoje, ao fenômeno da exploração e da opressão, soma-se uma nova dimensão, um matiz gráfico e duro da injustiça social; os que não podem ser integrados, os excluídos são resíduos, "sobrantes". Essa é a cultura do descarte".

Meio Ambiente e clima

"As mudanças climáticas, a perda da biodiversidade, o desmatamento já estão mostrando seus efeitos devastadores nos grandes cataclismos que vemos, e os que mais sofrem são vocês, os humildes, os que vivem perto das costas em moradias precárias, ou que são tão vulneráveis economicamente que, diante de um desastre natural, perdem tudo".

"a criação não é uma propriedade da qual podemos dispor ao nosso gosto; muito menos é uma propriedade só de alguns, de poucos: a criação é um dom, é um presente, um dom maravilhoso que Deus nos deu para que cuidemos dele e o utilizemos em benefício de todos, sempre com respeito e gratidão".

Solidaridade

"(A solidariedade) é uma palavra muito mais do que alguns atos de generosidade esporádicos. É pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade de vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. Também é lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, de terra e de moradia, a negação dos direitos sociais e trabalhistas. É enfrentar os destrutivos efeitos do Império do dinheiro: os deslocamentos forçados, as migrações dolorosas, o tráfico de pessoas, a droga, a guerra, a violência e todas essas realidades que muitos de vocês sofrem e que todos somos

chamados a transformar. A solidariedade, entendida em seu sentido mais profundo, é um modo de fazer história, e é isso que os movimentos populares fazem."

"esse sistema não se aguenta mais. Temos que mudá-lo, temos que voltar a levar a dignidade humana para o centro, e que sobre esse pilar, se construam as estruturas sociais alternativas de que precisamos."

O papa sinaliza que este *"Este encontro de Movimentos Populares é um sinal, é um grande sinal: vocês vieram colocar na presença de Deus, da Igreja, dos povos, uma realidade muitas vezes silenciada. Os pobres não só padecem a injustiça, mas também lutam contra ela!"*, finalizou!

"Então, sim, se sente o vento da promessa que aviva a esperança de um mundo melhor. Que esse vento se transforme em vendaval de esperança."

Plenária de todos os Movimentos Populares que estiveram reunidos em Roma no dia 31 de Outubro de 2014.

VIII – Declaração final do Encontro Mundial dos Movimentos Populares (EMMP)

No marco do encerramento do EMMP, queremos fazer chegar à opinião pública um breve resumo do ocorrido durante estes três dias históricos.

1. Convocado pelo PCJP (Pontifício Conselho de Justiça e Paz), a PAS (Pontifícia Academia de Ciências) e diversos movimentos populares do mundo, sob a inspiração do Papa Francisco, uma delegação de mais de 100 dirigentes sociais de todos os continentes se reuniu em Roma para debater, baseado em três eixos – terra, trabalho e moradia -, os grandes problemas e desafios que enfrenta a família humana (especialmente a exclusão, a desigualdade, a violência e a crise ambiental) sobre a perspectiva dos pobres e suas organizações.
2. As jornadas se desenvolveram tentando praticar a Cultura do Encontro e integrando companheiros e companheiras, irmãos e irmãs, de diferentes continentes, gerações, ofícios, religiões, ideias e experiências. Além dos setores representativos dos três eixos principais do encontro, participaram um importante numero de bispos e agentes pastorais, intelectuais e acadêmicos que contribuíram significativamente ao encontro, mas sempre respeitando o protagonismo dos setores e movimentos populares. O encontro não esteve isento de tensões que pudemos assumir coletivamente como irmãos.
3. Em primeiro lugar, sempre sobre a perspectiva dos pobres e dos povos pobres, neste caso, dos camponeses, trabalhadores sem direitos e habitantes de bairros populares (vilas, favelas, "chavolas", "slum"), se analisaram as causas estruturais da desigualdade e da exclusão, desde a sua raiz sistêmica global até as suas expressões locais. Compartilhamos cifras horrorosas da desigualdade, da concentração de riqueza nas mãos de um punhado de megamilionários. Os painelistas e oradores coincidiram em que se deve buscar na natureza desigual e depredatória do sistema capitalista, que coloca o lucro por cima do ser humano, a raiz dos problemas sociais e ambientais. O enorme poder das empresas transnacionais que pretender devorar e privatizar tudo – mercadorias, serviços, pensamento – são o primeiro violino desta sinfonia da destruição.
4. Durante o trabalho nas Oficinas se concluiu que o acesso pleno, estável, seguro e integral à terra, ao trabalho e à moradia se constituem como direitos inalienáveis, inerentes às pessoas e à sua dignidade, que devem ser garantidos e respeitados. A moradia e o bairro como espaço inviolável por Estados e corporações, a terra como um bem comum que deve ser compartilhado entre todos os que trabalham evitando a usurpação ("grilagem") e o trabalho digno como eixo estruturador de um projeto de vida. Estas foram algumas das reivindicações compartilhadas.
5. Também abordamos o problema da violência e da guerra, uma guerra total, ou como diz Francisco, "uma terceira guerra mundial em cotas". Sem perder de vista o caráter global destes problemas, tratou-se com particular intensidade a situação do Oriente Médio, principalmente a agressão contra o povo palestino e kurdo. A violência que desatam as máfias do narcoterrorismo, o tráfico de armas e tráfico de pessoas também foram objetos de profundo debate. Os despejos forçados através da violência, o agronegócio, a mineração contaminante e todas as formas de extrativismo, além do tema da repressão aos camponeses, povos originários e afrodescendentes estiveram presentes em todas as oficinas. Somados ao grave problema dos Golpes de Estado contra Honduras e Paraguai e o intervencionismo das grandes potencias contra os países mais pobres.

6. A questão ambiental esteve presente em um rico intercambio entre a perspectiva acadêmica e a popular. Pudemos conhecer os dados mais recentes sobre contaminação e mudança climática, as previsões sobre futuros desastres naturais, e as provas cientificas de que o consumismo insaciável e a prática do industrialismo responsável que promove o poder econômico explica a catástrofe ecológica em seu cerne. Devemos combater a cultura do descarte e ainda que suas causas são estruturais, nós também devemos promover uma mudança "desde baixo" nos hábitos e condutas de nossos povos priorizando os intercâmbios ao interior da economia popular e a recuperação do que o sistema descarta.
7. Novamente, podemos concluir que a guerra e a violência, a agudização dos conflitos étnicos e a utilização da religião para a legitimação da violência, assim como o desmatamento, as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade, têm seu principal motor na busca incessante por lucro e a pretensão criminosa de subordinar os povos mais pobres para saquear suas riquezas naturais e humanas. Consideramos que a ação e as palavras dos movimentos populares e da Igreja são imprescindíveis para freae este verdadeiro genocídio e "*terricídio*".
8. A situação das mulheres golpeadas por este sistema merece particular atenção. Reconhecemos nesta realidade a necessidade urgente de um compromisso profundo e sério com essa causa justa e histórica de todas nossas companheiras, motor de lutas, processos e propostas de vida emancipatórias e inspiradoras. Também exigimos a finalização da estigmatização, descarte e abandono das crianças e jovens, especialmente os pobres, afrodescendentes e migrantes. Se as crianças não têm infância, se os jovens não têm projeto, a Terra não tem futuro.
9. Longe de nos fecharmos na auto-compaixão e nos lamentarmos por todas estas realidades destrutivas, os movimentos populares, em particular os reunidos neste encontro, reivindicamos que os excluídos, os oprimidos, os pobres não resignados, organizados, podemos e devemos enfrentar com todas as nossas forças a situação caótica que nos trouxe este sistema. Nesse sentido, compartilhamos muitas experiências de trabalho, organização e luta que permitiram a criação de milhões de fontes de trabalho digno no setor popular da economia, a recuperação de milhões de hectares de terra para a agricultura camponesa e construção, integração, melhoramento ou defesa de milhões de lares e comunidades urbanas do mundo. A participação ativa dos setores populares, no marco de democracias sequestradas ou diretamente plutocracias, é indispensável para as transformações de que precisamos.
10. Levando em conta o contexto particular deste encontro e da inestimável contribuição da Igreja Católica liderada pelo papa Francisco que permitiu a sua realização, paramos para analisar, n o marco de nossas realidades, a contribuição essencial da doutrina social da igreja e do pensamento de seu pastor para a luta por justiça social. Nosso material de trabalho principal foi o *Evangelii Gaudium* considerando a necessidade de recuperar as pautas éticas de conduta na dimensão individual e social da vida humana. É importante destacar que a participação e o envolvimento de numerosos sacerdotes e bispos católicos em todo o encontro, encarnação viva de todos os agentes pastorais leigos consagrados, comprometidos com as lutas populares que, consideramos, devem ser reforçados em seu importante trabalho.
11. Todos e todas, muitos de nós católicos, pudemos assistir da celebração de uma missa na Catedral de São Pedro, celebrada por um dos nossos anfitriões Cardeal Peter Turkson, onde se apresentaram como oferendas os três símbolos de nossos desejos, carências e lutas: um carro de catadores de

cartão (*"cartoneros")*, frutos da terra e do trabalho camponês, e uma maquete de uma casa típica dos bairros pobres. Contamos com a presença de um grande número de bispos de todos os continentes.

12. Neste ambiente de debate apaixonado e fraternidade intercultural tivemos a oportunidade de assistir a um momento histórico: a participação Papa Francisco em nosso encontro, que em seu discurso sintetizou muito da nossa realidade, as nossas denuncias e as nossas propostas. A clareza e a contundência de suas palavras não admitem duplas interpretações e reafirmam que a preocupação com os pobres é o centro do Evangelho. Em coerência com suas palavras, a atitude fraterna, paciente e acolhedora de Francisco com todos e todas e com cada um de nós, especialmente os perseguidos, também expressou solidariedade com nossa luta tantas vezes desvalorizada e discriminada, até mesmo perseguida, reprimida ou criminalizada.
13. Outro momento importante foi a participação do irmão Evo Morales, Presidente da Assembleia Mundial dos Povos Indígenas, que participou como líder popular e ofereceu uma exposição centrada na crítica ao sistema capitalista e em tudo o que pudermos fazer os excluídos em termos de terra, trabalho, moradia, paz e ambiente quando nos organizamos e conquistamos acesso a posições de poder, mas um poder entendido como um serviço e não um privilégio. Seu abraço com Francisco nos emocionou e estará para sempre em nossa memória.
14. Dentre os resultados imediatos do encontro, levaremos duas coisas: a *"Carta dos excluídos para os excluídos"*, para trabalhar com a fundação dos setores e movimentos populares, na qual nos comprometemos massivamente a distribuir juntamente ao discurso do Papa Francisco e relatos; e a proposta de criação de um *Espaço de Interlocução Permanente entre os movimentos populares e da Igreja*.
15. Juntamente a este breve comunicado, pedimos especialmente que todos os trabalhadores e trabalhadoras que nos ajudem a divulgar a versão completa do discurso do Papa Francisco que, repetimos, resume grande parte de nossa experiência, pensamentos e desejos. Repetimos juntos:

"Terra, Teto e Trabalho são direito sagrados!"

"Nenhum trabalhador sem direitos! Nenhuma família sem casa! Nenhum Camponês sem terra! Nenhum povo sem território!"

"Avante os pobre que se organizam e lutam por uma alternativa humana à globalização excludente!"

"Longa vida ao Papa Francisco e a sua Igreja pobre para os pobres!"

IX – Moções aprovadas no EMMP

1. Caso Aytzinapa - Mexico

El encuentro condena al gobierno mexicano por los asesinatos y la desaparicion forzada de 43 estudiantes normalistas de Ayotzinapan de iguala Guerrero.

El eEncuentro exige al gobierno mexicano la aparicion com vida de los estudiantes desaparecidos y se finque responsabilidades a los actores intelectuales y materiales de estos hechos.

Asimismo, se exige al gobierno mexicano cese la criminalizacion de la protesta social y es respeto a los derechos humanos y laborales.

2. Moção de repúdio a morte de jovenes negros no Brasil

Repudiamos o aumento no indice de violencia no Brasil, onde o alto numero de jovens negros mortos nos permite afirmar que este e um processo de genicidio da juventude negra brasileira. Para se ter ima ideia, no ano de 2012, foram assasinadas 35.190 pessoas de cor ou da raca negra (67,4%) e 13.890 pessoas de cor o raca branca (26,6%) (o restante engloba os vitimados de cor ou raca amarela, indigena e de cor ignorada).

Se essa cifra já representa um numero assustador, é ainda mais preocupante saber que nos ultimos 10 anos, 450.255 jovens entre 15 a 29 anos de idade, foram assassinados por arma de fogo. Exatos 30% do total de óbitos na faixa de de 15 a 29 anos em 2010 tiveram sua origem no disparo de armas de fogo. Colocado de outra forma – uma em cada três mortes juvenis é produto de disparo de arma de fogo. De longe, a maior causa de mortalidade entre jovens. Para entender a gravidade da situação, basta mencionar que esse numero de homicidios por arma de foto é o maior do planeta e que as vitimas sao jovens negros e do sexo masculino o destino dos disparos.

3. From the perspective of young workers

We call upon all governments, trade union and emplyers organizations, as well as the civil organiztions to work with youth movements and young workers organizations to secure a meaningful future for the young generations.

Young people should be ensured access to work and enjoy decent working conditions and social protection, from leaving schools and entering the labor force

We aspire just work and dignified life for all

We demand:

- A just wage for everyone
- Stable and secure jobs
- Creation of employement
- Social protection for all workers

4. Motion

The mining issue is a big problem for many mineral endowed countries in Africa. Considering the huge negative effects of mining on land grabbing, pollution, environmental degradation, pollution of rivers, etc. Mining must be mentioned in all the statements as a destructive industry of our planet earth.

X – Movimentos Populares Presentes

ALBA Movimientos – Articulación de los Movimientos Sociales hacia el ALBA
Asian Social Institute (ASI) and CBSCom Cooperative – Philippines
Associacion de Trabajadores Campesino – ATC - Nicaragua
Asociación De Trabajadores Del Campo (ATC) – Colombia
Asociación Democracia Real YA (Indignados) – Spain
Asociación Democracia Real Ya (Indignados) – Spain
Asociación Nacional De Recicladores De Colombia (ARB) – Colombia
Asociación Nacional de Trabajadores Agropecuarios (ANTA) – El Salvador
Associacao Dos Peradores E Trabalhadores Do Sector Informal (ASSOTSI) – Mozambique
Associação Juízes para a Democracia – Brasil
Association des Marchés Economiques Locaux du Recyclage (AMELIOR) – France
Associazione Trentini Nel Mondo Onlus – Italy
Banca Etica – Italia
Biffins – Francia
Bigkis Lakas Pilipinas (Fishermen) – Philipines
Bonder Agricultural Workers – US/Mexico Border
Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae – CEPIS - Brasil
Central de Movimentos Populares (CMP) – Brasil
Central Única dos Trabalhadores de Minas Gerais (CUT-MG) - Brasil
Centro Memorial Dr. Martin Luther King, Jr. (CMMLK) – Cuba
Centro Sociale Leoncavallo – Italy
Children and Youth in Action for Sustainable Future (CYASF) – Philippines
Comité De Unidad Campesina (CUC) – Guatemala
Comunidad Indígena Xinca de Santa Maria Xalapan y Parlamento Xinca - Guatemala
Condederacion De Trabajadores Por Cuenta Propia
Conf. Nacional De Mujeres Campesinas Indigenas Originarias Bartolinas Sissa – Bolivia.
Confederación de Trabajadores de la Economía Popular (CTEP) – Argentina
Confederation Paysanne (CIFTCI-SEN) – Turquia
Conseil National De Concertation Et De Coopération Des Ruraux (CNCR) – Senegal
Consejo Cívico de Organizaciones Populares e Indígenas (COPINH) – Honduras
Consejo Coordinador Obrero Popular (COCOPO – MLN) Mexico
Coord. Nac. de Org. de Mujeres Trabajadoras Rurales e Indígenas (CONAMURI) – Paraguay
Coordenação Nacional De Entidades Negras (CONEN) – Brasil
Corriente Revolucionária Bolívar y Zamora - Venezuela
Corriente Villera Independiente (CVI) – Argentina
Enhe Bizkaia (Euskal Herria)– Spain and France
European Coordination Via Campesina
Fábricas Ocupadas Rimaflow – Milano _ Itália
Faith In Community Scotland – Scotland
Farm Sorkers Association Of Florida – USA
Federacion Nacional De Recicladores Del Ecuador – Ecuador
Frente Nacional Comunal Simón Bolívar (FNCSM) – Venezuela
Genuino Clandestino – Italy

Hermandad Obrera De Acción Católica (HOAC)
Homeless Peoples Federation – Phillippines
Homeless Peoples Fedreation – Philippines
Independent Democracy Of Informal Economy Associations (IDEA) – Cambodia
Industrial Workers Of The World (IWW)
Industrial Workers Of The World (IWW) -
International Coordination Of Young Christian Workers (ICYCW-CIJOC) – France
Jeunesse Ouvrière Chrétienne Internationale (IYCW) Aisbl
Kagad Kach Patra Kashtakari Panchayat – India
Kagad Kach Patra Kashtakari Panchayat – Waste Pickers Collective (KKPKP) – India
Karnataka State Farmers Union (KRRS) – India
Kenya National Alliance Of Street Venders And Informal Traders (Kenasvit) – Kenya
Korean Women Peasants Association – Korea
La Junta – Perú
Levante Popular Da Juventude – Brasil
Liga Operária Católica
Malawi Union for Informal Sector – Malawi
Minga Informativa de los Movimientos Sociales (ALAI) – Ecuador/Latinoamérica
Movimiento Por La Paz Con Justicia Y Dignidad - Mexico
Movimiento de Liberacion Nacional Palestino
Movimento De Mulheres Camponesas (MMC) – Brasil
Movimiento De Trabajadores Excluidos (MTE) – Argentina
Movimento dos Traballhadores Rurais Sem Terra (MST) - Brasil
Movimiento Indígena-Campesino De Chiapas – Mexico
Movimiento Nacional Campesino Indígena (MNCI) – Argentina
Movimiento Nacional De Trabajadores Cristianos (MMTC) – Rwanda
Movimiento Nacional Empresas Recuperadas (MNER) – Cooperativa Subpga – Argentina
National Family Farm Coalition (NFFC) – USA
National Union of Metalworkers of South Africa (NUMSA) – South Africa
Network for Political and Social Rights – Grece
Parlamento Xinca – Guatemala
Plataforma Afectados Por La Hipoteca (PAH) – Spain
Proceso de Comunidades Negras (PCN) – Brasil
Re-Food 4 Good – International
RIMAFLOW, Fabbrica Recuperata – Communia Network – Italy
Shack Dwellers International (SDI)
Shack Dwellers International/Zimbabwe Affiliate – Zimbabwe
Shehab Institution – Egypt
Sindicato Mexicano de Electricistas (SME) – Mexico
South African Waste Pickers Association – South Africa
Spirit Of Youth Association For Environmental Services (Zabaleens) – Egypt
Syndicate Of Informal Workers (Homenet Eastern Europe) – Bulgaria
The French Organizations Droit Au Logement/No-Vox – France
Truth Foundation – South Korea

Tunisian Forum For Economic And Social Rights – Tunisia
União Nacional de Camponeses (UNAC) – Moçambique
UAWC - Union Of Agricultural Work Committees - Palestine
United Steelworkers – Canadá
Youth Organization Of The Kurds – Siria
Via Campesina Internacional
Zambia Homeless And Poor People's Federation – Zambia
Zimbabwe Smallholder Farmer Forum (ZIMSOFF) Zimbabwe